

O JORNAL DA CULTURA NO CONTEXTO DA PÓS-DIGITALIZAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA

THE JORNAL DA CULTURA IN THE CONTEXT OF POST-DIGITIZATION IN A TIME OF PANDEMIC

ENTREVISTA | INTERVIEW

Marcelo TAS | TV Cultura | Brasil

Entrevista concedida à **Revista Latino-americana de Jornalismo Âncora** por Marcelo TAS, realizada pela professora Valquíria Kneipp (UFRN). Marcelo Tristão Athayde de Souza é seu nome de batismo, mais conhecido publicamente pelo primeiro nome e seu acrônimo, Marcelo Tas, é um apresentador, ator, roteirista, diretor e escritor brasileiro. A Entrevista foi realizada no dia 06 de agosto de 2020, com o comentarista e apresentador da TV Cultura de São Paulo, Marcelo Tas, como parte das atividades de pós-doutoramento da autora, realizado na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", sobre "As mudanças na televisão



Foto: Marcelo TAS

professor Tibúrcio do programa infantil Rá-Tim-Bum, e nos anos 2000.

aberta na era digital e as novas configurações do modo de produção e exibição no telejornalismo brasileiro (transmídia, crossmedia e TV Social)". O entrevistado fez carreira como apresentador, repórter, diretor e roteiristas, tendo trabalhado em diversas emissoras brasileiras, tanto no jornalismo, como na ficção. Se destacou nos anos 80 como o repórter Ernesto Varela, nos anos 90 como o

Palavras-chave | TV Cultura; Marcelo Tas; Telejornalismo; Comentário; Televisão.

Keywords | Television Culture; Marcelo Tas; Television journalism; Comment; TV.

ENTREVISTA REALIZADA EM 15 DE ABRIL DE 2019
APROVADA EM 07 DE JUNHO DE 2022



Como que é a sua participação como comentarista? Quais são as áreas as especialidades que você comenta? Tem algumas áreas específicas que você se identifica mais?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Como os outros comentaristas cada um tem a sua área específica, e como acontece no formato jornal nós acabamos também enfim analisando os fatos do dia sob a ótica, tanto de cidadãos quanto, enfim nós apresentamos o público que está em casa, e claro nas nossas áreas sendo mais profundos, digamos assim, podendo ir mais longe nas nossas análises. A minha área é comunicação, com foco especial na transformação digital que é o assunto que eu venho me dedicando nos últimos 20 anos. E aí todas as notícias e são atualmente muito frequentes relacionadas a dificuldade que nós temos hoje é de lidar com essa transformação na educação, na indústria, nos negócios, no relacionamento. Eu acabo nesse dia que eu vou, por exemplo, eles fazem questão de ter matérias que toca nesse assunto para que eu possa dar minha colaboração.



Você tem acesso ao espelho antes né para saber o que tem lá você se prepara de alguma maneira ou procura se inteirar dos assuntos que vão ser discutidos naquela edição?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Com certeza, eu me preparo e às vezes esse preparo começo até muito antes do dia. Os editores do Jornal da Cultura sabendo que eu vou estar lá, sei lá amanhã na sexta-feira, eles falam “olha nós vamos dar uma matéria sobre Facebook analisando fake News”. Então às vezes eu me preparo com 1 ou 2 dias de antecedência até, sabendo que vai ter esse tipo de matéria. E é claro no dia tem uma consolidação de todas as pautas. E aí obviamente é imprevisível são os fatos que aconteceram naquele dia e às vezes os fatos que estão em andamento.



Você falou uma coisa interessante que está na pauta do dia que são as fake News e o que você considera nesse cenário atual digital. O jornalismo paga pelas fake News e a mídia tradicional também porque as fake News estão na sua grande maioria nas redes sociais digitais?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Você está sendo muito boazinha com o jornalismo. Eu creio que cada um tem a sua parcela de colaboração para a contaminação da qualidade notícia, e inclusive os jornalistas e os veículos. Você tem razão num ponto, que não é exatamente a rede social isso para mim é outro erro, que nós temos de atribuir as redes sociais poderes paranormais.



Mas hoje todo mundo pode ser mídia?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Mas isso não é a rede social.



Mas ela proporcionou essa potencialização das fake News?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Então, mas é isso que é bom a gente analisar com calma. As fake News são tão antigas quanto a humanidade. Já existia fake News no império romano. Marco Aurélio usou de fake News para assumir o poder. Então é bom a gente para com isso, dessa tese de que fake News tem a ver com rede social. Quer dizer, na época também tinha rede social, mas já atribuir as redes sociais digitais esses poderes paranormais. Eu vou te contar um segredo quem espalha fake News são seres humanos, não são as redes sociais são seres humanos. Sobre isso existe muitos dados estão disponíveis. O maior propagador de fake News é o WhatsApp da família, porque é um ambiente confiável, onde você está conversando com a sua tia, com seu pai, com seus filhos, com seus sobrinhos e tal, e ali alguém joga um link e contaminado, com notícia manipulada. E você confia e joga para o seu outro grupo da escola, dos amigos do futebol. É assim que a seguir se espalha, não é uma coisa tão difícil de entender, e não é uma coisa que não seja humana, e é aí que vem muito o meu estudo e a minha prática de observar o comportamento.

Nós temos uma tendência de espalhar más notícias. Isso também não é novidade. Nós gostamos de dar uma notícia em primeira mão para o nosso amigo. Isso não é coisa só de Jornalista. Jornalista também tem essa tara, digamos assim é de dar primeiro. E isso contamina, isso é turbinado, pela velocidade da tecnologia digital, que nós ainda não sabemos usar, o que é natural, porque faz muito pouco tempo. O ponto de mudança do que nós

vivemos hoje é 2007/2008 faz 12 anos só que é o smartphone. Esse daí é a grande mudança que nós vivemos, recente, e faz tão pouco tempo, que nós ainda não nos acostumamos, a gente não sabe usar o smartphone então nós usamos o smartphone comendo, fazendo ginástica, quando nós conversamos com a pessoa que a gente gosta, a gente às vezes tá usando o smartphone. Ou seja, a gente não sabe usar. E muitas vezes nós usamos de uma forma irresponsável, espalhando esses links de baixa qualidade sem conferir. Então um evento que acontece com muita frequência comigo, eu não sei se acontece com você? Eu recebo uma fake news assim absolutamente óbvia num grupo. Um dia desse foi no meu grupo de escola, de gente muito preparada. Eu falo escuta fulano “Você tem certeza disso daqui que você está espalhando”, e ele falou não tenho, por isso que eu botei no grupo, para ver se vocês me confirmam. Aí você pega a assincronicidade, que é outro dado importante dessa comunicação. O período que aquilo ficou no grupo, outras pessoas pegaram aquele link e passaram para outros grupos. Então, essa é a comunicação exponencial, é um tipo de contaminação mais ainda dinâmica, que a do próprio vírus do COVID, quer dizer uma contaminação explosiva. E aí como deter essa fake news? Essa é uma pergunta bem importante. Porque tem gente que acha que vai deter fazendo leis, tem gente que acha que vai deter censurando, multando, enfim. A mais eficiente medida, contra a fake news é a nossa própria educação.

ÂNCORA

Então vai ser difícil?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Então, vai ser difícil e talvez seja uma combinação disso tudo, quer dizer, vai precisar de lei, vai precisar de punição, vai precisar de remoção de post, para que esse debate vá para mídia, que o que a gente faz um jornal. Que esse debate vá para mais gente, e que nós tenhamos consciência de algo muito importante, que cada um de nós está usando ferramentas muito poderosas. É como se do dia para noite, nós que pegávamos um transporte público, uma bicicleta ou um automóvel, para ir daqui até a universidade hoje, a gente pegasse um foguete, a gente pega um foguete para ir de um bairro para outro, só que esse foguete sai estragando e contaminando, e às vezes te jogando para outros planetas, porque é uma ferramenta muito poderosa, que nós não sabemos usar ainda. Os estragos as vezes são grandes.

ÂNCORA

Jornal da Cultura é o único telejornal brasileiro que faz essa coisa de ter o comentarista. Na sua opinião, qual que é a contribuição do comentarista para o telespectador?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

O telespectador quando ele se senta para ver um telejornal hoje, ele já sabe de todas as notícias que vão estar no jornal. Então, o papel do telejornal hoje, para mim, ele deveria ser cada vez mais do que faz o Jornal da Cultura, que é contextualizar, esse é o papel do comentarista – contextualizar aquela notícia. Se o telespectador ainda não conhece, a notícia vai ser narrada com uma reportagem, e depois contextualizada pelos comentaristas, de uma forma aberta, no mais coloquial possível, apesar de termos lá muitos especialistas nas suas matérias. Agora na COVID, por exemplo, todo dia tem uma pessoa da área médica. Por mais que tenha gente que conhece bem do assunto, procuramos traduzir aquilo numa linguagem acessível ao telespectador comum de telejornal. Então o papel é esse – dar contexto, que é algo crucial hoje na era acelerada que a gente vive.

ÂNCORA

Na página do Jornal da Cultura tem uma descrição dele enquadrando nos gêneros Jornalismo e debate. E na hora de comentar a participação do telespectador através das redes sociais digitais, como é a participação do comentarista?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Exatamente. A participação é o que eu mais gosto, mesmo quando eu levo bordoadas, porque a comunicação atual deve ser um diálogo, e a comunicação antiga da TV era monólogo. E é bom reconhecermos isso, que a televisão sempre foi um veículo que não ouvia o seu público. Ela só falava, ao contrário do rádio, por exemplo, que sempre inclui o ouvinte ou até de jornais que tem uma seção de cartas. A televisão já nasceu surda, então ou ela acorda agora para essa realidade do diálogo, ou ela vai ela vai desaparecer como de fato está diminuindo bastante, a relevância da televisão para as novas gerações, porque ela não pratica o que é crucial na era digital que é o diálogo. Então a hora do Twitter é uma das que eu mais gosto de um jornal.

ÂNCORA

Nos anos de 1960 McLuhan falou meios quentes e frios, e ele colocava a televisão como meio frio, porque ela dá tudo pronto, não te deixa pensar. Você acha que hoje em dia pode-se dizer que ela está esquentando? E que maneira é possível pensar os vínculos entre as culturas de ouvir e os modos de produzir rádio ontem e hoje?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Seria muito otimismo. Eu acho que ela está saindo do freezer ainda sabe. Ela está ainda nem morna ela está. Eu acho que a televisão adormeceu, nesse mundo gelado, que o Mc Luhan apontou com muita propriedade, dizendo até que o meio é a mensagem. E agora que ela começa acordar. Veja por exemplo a diferença do rádio na era digital, como ele foi rápido na sua adaptação, para essa era, porque ele já tinha uma natureza líquida, ele já incluía a participação do ouvinte, a forma de conversar já era uma forma quente, se a gente fizer usar essa terminologia aí do McLuhan, e por isso surgem os filhos híbridos com mais agilidade, os podcasts. O rádio inclusive agora vai para para a imagem também, ele é transmitido é no YouTube e tal. É linda essa capacidade de adaptação e flexibilidade, por exemplo, do rádio a televisão ela sofre mais, porque ela resiste ela tem uma natureza proprietária, uma natureza autoritária, ela tem uma coisa chamada grade de programação, que teoricamente te obriga ficar esperando até uma determinada hora, para saber as notícias. Só que você já sabe as notícias, antes de começar o telejornal, e a televisão abre o telejornal fingindo que você ainda não sabe. Então hoje você vai ver “blá blá blá”, você já sabe de tudo aquilo. É claro que agora ela acordou muito tarde.

ÂNCORA

E você que a pandemia foi um tombo, porque de um dia para o outro, se eu pegar, por exemplo, a Globo saiu tudo do ar e ampliou os espaços para o jornalismo?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Eu acho que a pandemia tem esse aspecto positivo, inclusive de aceleração de mudança, mudança que muitas vezes estava em fase de planejamento, com medo. Quando se fala de mudança é bom falar de medo também, muito medo de mudar. Não calma vamos planejar. Aí vem a pandemia e acabou seu planejamento, meu filho. Bota o bloco na rua. Isso não foi só a televisão, foram as empresas, os negócios, as escolas. Nos obrigou a encarar um fato que aconteceu na verdade, se a gente quiser olhar para o

arco do tempo, há 50 anos. A internet tem 50 anos e a www - a internet gráfica, como a gente conhece hoje tem 30 anos, 31 anos é de 89, ou seja, tivemos muitas chances de entender que essa mudança era significativa, era basal iria mudar tudo. Aí tivemos depois, ainda, na virada do milênio uma coisa muito significativa, que são os negócios indo para rede. Eu estou falando da Amazon, do Google. Aí vem rede social 2004, o Facebook, o Twitter 2006/2007, e aí aquele ponto que eu te falo que para mim é o ponto de aceleração, que é o smartphone em 2007/2008. E que curiosamente é quando eu estava iniciando um projeto na TV, o CQC, que já nasceu com essa consciência da revolução digital, a gente usava muito Twitter. Foi então que, eu que já vinha desde o Vitruviano, na verdade que é o programa que eu fazia na TV Cultura na virada do milênio de 99 para 2000, que falava exatamente dessa transformação. Era um programa que falava de comunicação, e da mudança digital, isso em 99. Foi quando eu comecei a dar palestras, a estudar e atualmente estruturei cursos, e comecei a me envolver com o mundo acadêmico mesmo. Estou no Ibmecc, no conselho de professores, na PUC do Rio Grande do Sul, tem uma pós graduação lá que eu participo. Tem um curso mais aberto, para público geral, numa plataforma da Espanha chamada Domestika, está com cinco mil alunos, atualmente, de 32 países é bem legal. É um curso, esse sim, é específico sobre essa mudança e nós botamos no ar agora, em março. Antes da pandemia nós fomos pegos de surpresa, mas o curso ganhou uma aderência muito grande, até por conta disso. Enfim, tudo isso para te falar assim, que essa mudança é algo que já vem se anunciando, e interferindo na nossa vida há muito tempo, e agora a situação se impôs, a situação sanitária, e agora você vai ficar dentro de casa, e é por isso inclusive, que nós estamos aqui conversando. Talvez a gente nem estaria conversando se não fosse essa pandemia Porque você ia tá lá na universidade, eu ia estar lá correndo com a minha vida, e esse meio que a gente está usando, que nem existia, inclusive, é bom dizer que o Google Meet é uma coisa que surgiu na pandemia. Assim como Zoom, que cresceu absurdamente na pandemia. Então, você vê que toda inovação, e aí é importante entender o que que é inovação? É quando você consegue criar um produto, que atende uma necessidade da sociedade, que é uma coisa diferente de invenção, você inventa uma coisa, mas pode ser que o pessoal não vai ainda usar aquilo. O da Vinci inventou um helicóptero lá no século XV, XVI, mais não tinha público ainda para aquele helicóptero, não tinha meios para construção daquilo. O que nós estamos vendo hoje são inovações que atingem muita gente, numa escala que nós nunca imaginávamos, como é o caso do Zoom, que era um aplicativo pequeno, relativamente pequeno antes da academia, e hoje vale mais do que todas as companhias aéreas norte-americanas. Um aplicativo.

ÂNCORA

Você não acha que a internet no Brasil pode ser um problema para todas essas possibilidades? Devido ao acesso e a nossa estrutura de internet, e as desigualdades?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Esse aspecto da pandemia é bastante relevante. Ela revela as fragilidades, e as desigualdades. Então é mais uma vez uma coisa assim, que a tecnologia apenas revelou. Não é que a tecnologia aprofunda as desigualdades. É aí que nós temos que tomar muito cuidado, para não demonizar justamente o que pode ser uma saída. Eu acredito que a tecnologia pode ter uma saída para essa adaptação. Nós todos agora vamos viver uma fase de profunda adaptação. Não adianta lutar contra ir contra uma transformação, que já se estabeleceu. Hoje você ir contra a transformação digital é a mesma coisa de você encontra a lei da gravidade. Tanto faz se você é contra ou a favor, porque a lei da gravidade é um dado científico, e a internet a transformação digital também é, aliás é um dado científico, é um avanço da ciência. Feito por cientistas, feito pela sociedade civil, feito pela academia, inclusive. A internet é um produto da academia, e aí o que nós temos hoje que entender é que o buraco é mais embaixo, quer dizer não dá para viver num país, não é que não tem internet para todos, não tem saneamento para mais da metade da população. Então nós temos que cuidar disso. porque não adianta falar que esse aluno não tem internet, ele não tem banheiro na casa dele, ou se tem o banheiro está contaminando o rio. Esse é um dado da realidade brasileira, não adianta esperar isso ficar pronto. Nós temos que atacar tudo junto. E para mim o ataque principal é na educação. Isso para mim é o meu mote já há algumas décadas. Os projetos que eu participei, alguns de uma forma muito explícita como Telecurso, mas outros de educação infantil - As Séries Rá-Tim-Bum. os museus maravilhosos. Está na hora da gente entender que esse daí é o ponto. E aí esses seus alunos, com todas as dificuldades, podem ter nesse acesso, mesmo que precário, a essa rede, uma saída para a situação que a gente vive. Eu tenho conversado com muitos educadores, nessa pandemia, inclusive aí do Nordeste. Conversei recentemente com um professor de escola pública, do interior de Pernambuco, e ele usa numa escola pública, com estudantes com muita deficiência de acesso, ele usa metodologias, que incluem essa possibilidade de contato remoto, mesmo que seja assíncrono, porque esta conexão que nós estamos agora aqui, é uma conexão mais sofisticada, que precisa de uma banda larga e tal. Mas é possível fazer atividades assíncronas. Você passa por e-mail, você passa conteúdos, cria uma rede de troca de conteúdos, e consegue criar uma metodologia. Aí talvez o ponto principal do professor. Eu acho que o professor na era digital, ele passa assumir a sua essência, ele é um moderador de conteúdos, e um curador, provocador de debates de

processos e tudo mais, e não simplesmente o cara que cria uma grade, aí é parecido com televisão, uma grade curricular conteudista, que ele vai enfiar aquele conteúdo fazer um download, daquele conteúdo na cabeça do aluno. Essa educação para mim também já acabou. Ela só não se deitou ainda, mas ela já morreu.

ÂNCORA

O aluno não aceita mais essa aula em grade. Se a aula não for interessante, o aluno pega o celular.

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Aí vale a pena o professor pensar por que que ele faz isso? Porque dentro do celular tem um mundo muito mais interessante, do que uma aula gelada como diz o McLuhan, uma aula do freezer. O freezer não vale mais nada porque o aluno encontra essa aula, em qualquer lugar se ele quiser. As vezes com um professor melhor do que aquele que está na frente dele. Então ele vai encontrar outro cara falando sobre aquilo. Sobre geografia, sobre sei lá ciência, português. Vai ter gente que vai traduzir melhor aquele conteúdo. Então qual é o papel do professor? Para mim é central, o professor é o grande curandeiro deste volume gigantesco de informação. Ele pode ser o cara que vai propor um caminho, no meio daquilo tudo. Mas ele vai ter que saber ouvir. Como nós comunicadores, como nós empresários, nós país. Não adianta atuar como antes, que você sabia tudo, seu filho não sabe nada. E fica quieto aí que eu vou te ensinar. Não é mais assim.

ÂNCORA

Você acredita que a educação hoje é esse processo dialógico, e o estudante hoje é tecnológico?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

É isso aí que me anima nessa era que a gente vive. Eu ando muito na minha construção da estrutura de pensamento das coisas que eu estou desenvolvendo. Eu estou muito na praia do Edgard Morin, por exemplo, que tem um livro da religação dos saberes. Religar os saberes. Não é você oferecer os conteúdos, como se fossem coisas inéditas, como se as pessoas não soubessem nada. Mas você reconectar saberes. Você fazer uma coisa transversal, dentro das disciplinas. Você construir projetos, que tenham a ver com o cotidiano, daquela sua comunidade. E que cada lugar do Brasil é um lugar diferente. Aí está beleza, inclusive dos fundamentos do Paulo Freire, que dizer da educação voltada para a vida, que nós aplicamos muito

no Telecurso, os conceitos todos, na criação do Telecurso, que é você buscar tradução de matemática, de geografia, de música, de física para a realidade do público que você está falando.



A estrada do futuro anunciada nos anos 90, pelo Bill Gates pode ser considerada uma realidade, com a proeminência da Comunicação na vida cotidiana?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

O Bill Gates ele falou até do COVID. O que nós precisamos entender é que o Smartphone, aliás está na hora de parar de chamar ele de fone, inclusive. Ele é apenas, a minha mãe chama de tabuletinha, por exemplo, eu acho mais bonitinho. Ele é uma tabuletinha, que é um ponto de contato com a rede. É um nó que você tem na sua mão. Esse ponto de contato é infinito. Você pode encontrar esse livro do Bill Gates e eu posso falar com minha mãe, eu posso, enfim ele vira uma fita métrica, seu eu quiser, ele vira uma lanterna. É o nosso canivete Suíço, mas só que também permitindo com que nós sejamos um agente de transmissão. Nós somos cada um, hoje uma central de comunicação, ou como eu disse no primeiro posto do meu Blog de 2003, "finalmente viramos o Roberto Marinho de nós mesmos". Só que sem a consciência que viramos. Então, por isso, você sai espalhando fake News. Você não tem responsabilidade. Mas se você é o Roberto Marinho de você, tem que ter responsabilidade, porque foi você quem espalhou a fake news. Isso ainda não existe. Esta consciência ainda não existe.



Em março quando houve a decretação da quarentena do novo coronavírus, quais foram as principais mudanças que ocorreram para os comentaristas do Jornal da Cultura?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

A principal é sempre o nosso colega era um homem da área médica. Então, todo comentário era embasado cientificamente por alguém, que estava o nosso lado. Houve uma limitação pela idade. Vários comentaristas, com mais de 60 anos, a própria direção sugeriu o afastamento.



Além disso, houve uma série de novas práticas adotadas como dois microfones distanciamento e foi praticamente geral máscara

dos repórteres, matéria sendo feitas de forma remota. e o que que você acha dessas novas práticas depois da pandemia?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Hoje já dá para avaliar, que elas foram muito bem executadas foram e tiveram efeito. Tivemos pouquíssimos casos de contaminação, na equipe. O Provoca, por exemplo, que é um programa que nós conseguimos manter no ar, ele começou a seguir esse protocolo da TV Cultura, com pouca gente no estúdio vídeo. Todo mundo de máscara. O cuidado extremo na logística, e nos equipamentos, todos os banheiros, nos camarins, na maquiagem, e o resultado foi muito positivo. Tivemos que reaprender essa coisa de produção audiovisual remota. A televisão teve que ser ágil nisso. Está sendo até hoje, um aprendizado para todo mundo, para os editores. Como você gravar entrevistas? como você fazer entradas ao vivo? Enfim uma necessidade de adaptação, como em todas as áreas. No caso da TV tanto no jornal, quanto no provoca o resultado acabou sendo muito positivo, não apenas manter no ar como a audiência, inclusive aumentou nesse período. E até compreensível né já que as pessoas estão mais em casa.

ÂNCORA

O Provocações foi um programa que ficou o tempo todo com o Abujamra e o Gregório Bacic. Como foi reinventar, por meio do Provoca?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Foi um desafio muito especial, porque eu sou discípulo do Abujamra, como muita gente. Durante muito tempo eu convivi com o Abujamra, quando eu fiz o Vitrine, ele estava inaugurando estreando o Provocações. Então, a gente conviveu durante muitos anos na própria TV Cultura. E sempre foi enfim um artista, que me inspirou bastante. Assim e com quem eu tive a felicidade de conviver mesmo, de trocar, de conversar. O convite veio e a princípio eu falei não. Eu não queria enfim, achei que era um fardo muito árduo, e eu não queria e tal. Mas aí eu lembrei, quer dizer, essa história de você ter um programa de entrevistas numa emissora de televisão aberta é uma oportunidade raríssima, e eu sempre tive uma tese que eu só deveria fazer um programa de entrevistas numa TV aberta, se eu fosse convidado, porque tem muita gente que leva um projeto para uma emissora de um programa de entrevista. Eu sempre tive essa tese de que isso não ia funcionar. E é uma tese, que eu dividi com a minha mulher. Olha eu não vou topa fazer talk show, não quero fazer, a não ser que uma emissora de televisão queira que eu faça, por quê para mim é uma coisa que tem

que ter muita liberdade editorial, se não, não vale a pena. E aí ela me lembrou “mas a TV Cultura está te convidando e tem tudo a ver com você”. E uma outra cláusula que eu achava que era necessária é que eu tivesse mais de 60 anos. Eu botei isso também. Eu tenho que ter alguma história de vida para poder fazer um programa de entrevistas. Porque para mim sem você ter alguma experiência de vida é difícil você entrevistar pessoas. Você é um garoto vai entrevistar um cientista, um filósofo, um escritor? Sei lá tudo bem. Pode ser, mas eu não queria para mim. E aí ela lembrou “esse ano você vai fazer 60 anos”. Juntou as duas coisas e eu topei, com frio na barriga. Estou muito feliz com o resultado. Estou gostando.

ÂNCORA

Você começou no 23ª Hora, com o Goulart de Andrade depois foi o Ernesto Varela interpretou o professor Tibúrcio, entre outros trabalhos. O que te conduziu assim para trabalhos diferentes, mas sempre com foco na comunicação?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Tem um fio que conduz isso, que é a vontade de conhecer as coisas, de destrinchar, de desmontar. Sabe eu sempre tive um espírito muito assim de cientista, de querer entender como funciona? No Varela, como funciona o jornalismo? No Varela nós fazíamos um jornalismo absolutamente explícito, onde apareciam câmeras, aparecia edição, e apareciam perguntas também, que revelavam. E curiosamente eram perguntas muito simples. Que tem a ver com isso: uma tentativa de entender de uma maneira mais simples a realidade. O CQC vai na mesma praia do Varela, o professor Tibúrcio nem se fala, que ele é explícito, é um professor que quer entender o mundo, para contar para as crianças: o que que é frio? que é quente? O que é áspero? O que é macio? Enfim é literalmente uma bandeira da minha vontade de atuar como educador mesmo.

ÂNCORA

É possível você definir o que é mais forte em você o jornalismo ou a arte?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Olha o que eu vejo é que eu sou um... eu falo na minha na minha bio aí “eu sou um extraterrestre”. Eu acho que eu sou um cara híbrido, assim eu gosto de traduzir a complexidade, numa linguagem arroz com feijão, e para isso você precisa entender lá antes. Isso eu pratiquei com o Varela, e aí é importante a arte porque você tem que mergulhar na filosofia para poder

falar de corrupção ou de ética. E você tem que mergulhar nas artes visuais, para poder criar uma linguagem, que foi aqui nós criamos, eu e o Fernando Meirelles, que foi meu parceiro na criação do Varela. Para poder criar uma narrativa, uma edição, uma câmera e tudo mais. O Tibúrcio também é resultado de uma temporada longa que eu fiquei estudando cinema mudo, na Universidade de Nova York. O Tibúrcio tem muito de cinema mudo, de câmera fixa. A câmera do Tibúrcio o enquadramento é o mesmo, ele que se desloca, é totalmente embasado no ano que eu fiquei estudando. Então é um encontro de arte como comunicação o meu trabalho. O que eu fiz dos museus também, no Museu da Língua Portuguesa com um jogo chamado Beco das palavras - que é um game interativo de agrupar as sílabas e formar uma palavra. No Museu do Amanhã nós fizemos um game também chamado Humano, que tem um software, que faz sete perguntas para o visitante, e com as respostas do visitante, ele diz que tipo de humano que ele é. Nós fizemos, desenvolvemos uma matriz de personalidades baseadas no Young, nos tipos psicológicos, uma brincadeira lúdica. Claro, mas, para provocar o visitante do Museu do Amanhã a pensar em que tipo de humano que ele é, que tipo de efeito que ele está causando no planeta, e nós desenvolvemos 12 tipos de humanos. E o cara sai com crachazinho assim, com a carinha é bem legal. É uma instalação, que tem quase no final do percurso do Museu do Amanhã. O Telecurso é uma coisa que a gente juntou muita gente, era uma equipe muito grande mais de várias disciplinas das artes: visuais, música, para construção do programa. Roteiro, eu trabalho muito com roteiristas no cinema e televisão. Enfim então, o meu trabalho mistura as duas coisas. Mistura comunicação, às vezes em jornalismo de uma forma explícita, mas eu acho que é mais é mais a comunicação de uma forma mais ampla, porque eu trato também de conteúdos acadêmicos, de conteúdo de estudo de comunicação, especificamente inclusive, com tecnologia e com artes.



Você se formou em engenharia depois foi para RTV. O que o levou a sair de uma área migrar para outra e se desenvolver dessa maneira na eclética, misturando arte e jornalismo?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

É que tem um detalhe aí entre essas duas, que é o teatro. Eu sempre fiz teatro, assim sabe desde pequeno, quando eu fazia engenharia, eu fazia também escola de teatro, e na própria engenharia eu comecei a ficar inquieto. Assim que eu achei que não era apenas ciências exatas, que eu queria me dedicar E aí eu fiz um teste e entrei, antes de ir para rádio e TV, eu entrei no grupo do Antônio filho e fui discípulo do Antunes Filho, durante um tempo muito significativo. Eu abandonei a Poly, inclusive a engenharia

e me dediquei ao grupo do Antunes e no grupo do Antunes é que eu encontrei a minha turma. Da Olhar Eletrônico, o Fernando Meirelles, o Paulo Morelli. Eles foram até esse grupo, eles foram atrás de atores, para fazer ficção e tal. E a gente se encontrou, e aí eu falei mais o que vocês fazem? Eles falaram: "a gente faz vídeo". E o que é vídeo? porque não existiam ainda as câmeras de vídeo. Eles me mostraram ou isso é uma câmera de vídeo A gente grava em uma fita, e tal não sei o quê... E aí eu abandonei tudo, assim nessa época eu já fazia teatro, fazia a Poly e fazia também Comunicação na Eca à noite. Aí eu abandonei tudo isso e fui participar da fundação da Olhar Eletrônico, que essa produtora dos anos 80, onde nasceram todos esses projetos nasceram muito projetos, e uma equipe enorme de gente muito talentosa hoje são diretores de cinema, fotógrafos, documentarista é uma turma bem importante. O Renato Barbieri um documentarista muito conhecido, Paulo Morelli, Fernando Meirelles, o Marcelo Machado Tônico Melo, Davidson Brasileiro - o cara que especializado em indígenas, documentarista também. Adriano Gomes é um cara que foi indicada ao Oscar - diretor de fotografia dessa série The Crown. Era tudo uma molecada que estava na Olhar Eletrônico, que deu certo é uma turma danada. A Márcia Meirelles que é documentarista, a Sandra Annenberg - essa apresentadora da Globo estava lá com a gente, a Paula Cesarino, que depois de Editora da folha. Enfim era uma turma muito boa. A Giulia Gam. Enfim era uma turma boa. O Marcelo Paiva, o escritor. Nós éramos um grupo que tinha uma ligação através do estudo das Artes, da filosofia, principalmente, e da comunicação, para desenvolver aquela linguagem nova, que estava chegando, que era o vídeo. E foi a minha escola assim, a minha escola informal, de produção audiovisual. Depois disso é que eu pedi uma bolsa de estudos, e ganhei a bolsa da Fulbright, que é uma bolsa norte-americana, e fui estudar em Nova York na universidade de Nova York. Fiquei lá estudando cinema e televisão, de uma maneira organizada, por uma pequena parte da minha vida. Infelizmente que eu já estava trabalhando tudo. Na volta dessa temporada de Nova York, eu fui convidado para participar da criação do Rá-Tim-Bum. E o parto do professor Tibúrcio tem muita a ver com a minha temporada na UNY, porque eu tinha estudado Buster Keaton durante um ano, e foi inevitável assim a criação dele tem a ver com aquela linguagem.



Se você fosse escolher o que que você prefere: televisão, internet, cinema, tecnologia ou educação?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Eu prefiro educação, porque educação é algo que você faz com todos os outros, e eu fazendo agora nessa minha fase 60, eu fiz uma retrospectiva e descobri coisas óbvias. Uma delas é que eu sou filho de dois professores de escola pública. E a educação está presente na minha vida, desde sempre. Os meus trabalhos todos têm um viés de busca mesmo, de tradução de educar. E então é o que me move sabe inclusive hoje no provoca, quando eu levo lá uma empreendedora, duas empreendedoras uma negra e outra de um banco que vale um bilhão de dólares - que é o Nubank. Eu estou procurando o debater exatamente isso: porque que as mulheres não ocupam espaços de liderança nos negócios não ocupam tão pouco? Especialmente uma mulher negra, no caso da Maitê Lourenço entrevistada da semana passada essa semana aliás. Creio que o meu papel é esse mesmo, colaborar para isso, para o debate, para gente se educar, porque o país que nós temos para construir ele é muito ainda ele está numa fase ainda de beber. Nós estamos ainda no início, muito frágil de construção de identidade, de cidadania, e a minha meta é colaborar nessa direção sabe, mais do que enfim fazer um filme, ou um programa de televisão sei lá. E isso acaba vindo, como uma consequência, mas o meu foco mesmo é educação.

ÂNCORA
Um sonho?

Marcelo TAS
TV Cultura | Brasil

Trabalhar numa estação espacial.

ÂNCORA
Uma música?

Marcelo TAS
TV Cultura | Brasil

So What do Miles Davis.

ÂNCORA
Um livro?

Marcelo TAS
TV Cultura | Brasil

Dicionário filosófico de Voltaire.



O Brasil tem jeito?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Claro, senão não estaria aqui conversando com você.

ÂNCORA

Como você prevê o futuro do Brasil depois da pandemia?

Marcelo TAS

TV Cultura | Brasil

Futuro árduo, cheio de dramas e desafios, e com uma possibilidade de mais transparência. Essa é a palavra nós temos que olhar com mais transparência, para as nossas fragilidades, para desigualdade, especialmente para a profunda desigualdade de oportunidades, que nós vivemos. E aí olhando para esse fundo de poço nós reconstruímos um uma nação.

